

Exposição · 24 fevereiro – 22 abril 2018

peter campus
video ergo sum

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Peter Campus é um dos mais importantes pioneiros da vídeo-arte. No entanto, a natureza das suas obras, complexas de instalar, tem limitado a sua apresentação pública. Pelo menos a este respeito, esta exposição é um acontecimento único. Todas as suas peças, das instalações de vídeo em circuito fechado que começou a realizar em 1971 até ao seu trabalho mais recente, podem ser entendidas como explorações dos processos da percepção e da visão, assentes nas características específicas da imagem eletrónica, e depois da imagem digital.

Para o visitante, uma exposição de Peter Campus é uma verdadeira experiência, solidificando que ele ou ela ative o trabalho e com ele se relacione fisicamente, explorando a sua própria imagem. Sem esta interação, as obras não existiriam. Através da transmissão da imagem em tempo real, os trabalhos interativos do artista a partir dos anos 70 são uma fonte de mistério e de estranheza, na qual os duplos do eu nunca coincidem e a relação do visitante com a sua própria imagem apresenta sempre um caráter problemático.

Em 1978, Peter Campus decidiu abandonar o seu estúdio e dedicar-se à fotografia de exteriores, fazendo da natureza o seu local de trabalho. Quando regressou ao vídeo, em 1996, depois de um extenso hiato, o *medium* tinha-se tornado digital, e o equipamento muito mais leve. As suas produções em vídeo deste período assumem um caráter intimista e poético, sendo tão experimentais como as anteriores. Em 2007, decidiu criar “videografias” de paisagens do ambiente familiar de Long Island, compostas por planos fixos e sem montagem. O tratamento das imagens por Campus, ao nível do pixel, cria um certo grau de abstração, envolvendo o observador num novo exercício de percepção e de interpretação.

A sua intensa relação com o local escolhido e a sua atenção à luz, à cor e ao enquadramento podem ser notados em particular na sua obra mais recente, criada propositadamente para esta exposição. Filmado num cenário natural, em muito alta definição (4K), o trabalho cruza, neste caso, o olhar do visi-

tante com a sensibilidade e a emoção da visão do artista.

O vídeo sempre foi essencial para Campus – é o seu *medium*, diz ele. *video ergo sum*.

Átrio

Kiva (1971) é uma complexa máquina de visão. Pendurados à frente da lente por dois fios, como se fossem móveis, dois espelhos refletem para a câmara a sua própria imagem, bem como uma imagem “panorâmica” fragmentada, múltipla e em constante mudança, do espaço circundante e dos visitantes da galeria. Sensíveis ao movimento do ar que os rodeia, estes espelhos introduzem, com a sua rotação não programada, um elemento aleatório numa instalação técnica e meticulosamente calculada. *Kiva* pode ser visto como um comentário crítico sobre a vigilância, na medida em que o modo de organização das suas componentes torna, ironicamente, qualquer monitorização impossível. Mas o objetivo principal da peça é envolver o visitante numa relação específica com o espaço e com a forma como este é representado – neste caso, uma relação de completa desorientação.

Sala 1

Interface (1972) confronta o visitante com o seu próprio reflexo num painel de vidro e com a sua imagem filmada mostrando o modo como é visto pelos outros. Embora ambas ocorram em tempo real e possuam as mesmas dimensões (devido à cuidadosa técnica de projeção), estas imagens gémeas não são diferentes apenas em natureza, nunca sendo igualmente congruentes. Para lá da inversão que apresenta, a imagem refletida, a cores, parece flutuar para a frente, enquanto a projeção de vídeo, a preto e branco e apresentando um brilho particular, atravessa o vidro, atinge a parede e reflete-se novamente no vidro. Conforme os ângulos da câmara e do projetor de vídeo, as imagens gémeas tanto divergem como convergem – recusando, no entanto, qualquer assimilação –, à medida que o visitante se move em frente ao painel de vidro, gerando, na melhor das hipóteses, uma imagem bizarra de si próprio.

“Por estarmos condicionados a uma imagem em espelho invertida, somos constantemente surpreendidos quando a imagem direta do vídeo é apresentada. Qualquer movimento assimétrico provoca a perda de identificação com a imagem projetada de si próprio. [...] Numa situação de vídeo em circuito fechado, já não lidamos com imagens de uma natureza temporalmente finita. A duração da imagem torna-se uma característica da sala.” (p.c., 1974)

Sala 2

Anamnesis (1973) cria um hiato temporal na simultaneidade da transmissão de imagens. Uma imagem captada por uma única câmara é apresentada simultaneamente em tempo real e com um intervalo de três segundos. Assim, se o visitante se mover, surgem duas imagens, mais ou menos destacadas uma da outra consoante a extensão desse movimento. Não se trata de persistência da visão (ou seja, da memória espacial da velocidade da luz), nem de um efeito de *feedback*, mas de uma segunda, quase fantasmática, imagem de si próprio. A única forma de permanecer “único” é manter-se imóvel. O visitante vê-se simultaneamente no presente e no passado, o qual pode igualmente ser interpretado como uma imagem do futuro, destacada do presente.

Sala 3

Optical Sockets (1972-73) convida o visitante a entrar num campo de experiência delimitado por quatro câmaras e por quatro monitores. Ele é assim definido por quatro pontos de vista exteriores a si próprio, os quais se sobrepõem numa única imagem. Na zona central do espaço, o visitante testemunha o estranho volume de um corpo cubista a duas dimensões – o seu próprio –, produzido pela combinação simultânea dos seus vários lados. A escala e a localização do(s) seu(s) corpo(s) na imagem dependerão da(s) sua(s) posição(ões) no campo, provocando uma experiência de relatividade: a pessoa no centro do universo é apenas uma composição de vários pontos de vista que se encontram em constante transformação.

“Nestas peças interativas, tentei abrir áreas do pensamento através da experiência física da interação com as obras. Criei situações pensadas para chamar a atenção para a nossa relação com os elementos geométricos, o espaço de uma sala e a nossa posição nesse espaço. Queria que as pessoas se tornassem conscientes dos seus movimentos no espaço (da galeria) e da relação desse espaço com o espaço videográfico; que fizessem a experiência de ambos, e do modo como estes se relacionam um com o outro.” (p.c., 2008)

Sala 4

Os dois primeiros trabalhos em vídeo de Campus, *Dynamic Field Series* e *Double Vision* (1971), foram produzidos em simultâneo com as instalações, inaugurando as suas experiências em torno da duplicação, da visão, e da percepção do espaço. Gravadas em fita de meia polegada, estas obras a preto e branco são verdadeiros *incunabula* da vídeo-arte.

Esta sala apresenta, em conjunto com estes dois trabalhos muito iniciais, seis das sete peças de vídeo que Campus realizou nos estúdios de estações de televisão experimentais (WGBH, de Boston, e WNET 13, de Nova Iorque), entre 1973 e 1976. As performances exploram procedimentos especificamente eletrónicos que simultaneamente desafiam a unidade e a integridade do corpo e revelam a imagem como ilusão. Uma imagem nunca é mais do que uma superfície, o local de uma perpétua duplicação e de uma identidade problemática. Em todas estas peças, o corpo é ferido, desarticulado, reduzido à silhueta, privado de peso; o rosto é queimado, sufocado, cortado, cindido em dois, ou virado do avesso como se fosse uma luva. Nestes motivos dramáticos, o autorretrato é sujeito a todas as violências e, no entanto, a expressão impassível do rosto do artista é a de um experimentador concentrado no seu trabalho.

Sala 5

Com *dor* (1975), a imagem só surge se o visitante se encontrar no campo de visão da câmara e na área iluminada do espaço, ou seja,

ainda na entrada. Mas apenas permanecendo na fronteira da sala, pode o visitante ver-se projetado na parede, inevitavelmente de perfil – o visitante vê-se, assim, a tentar ver-se a si próprio. O ponto de vista do observador e a superfície de projeção situam-se no mesmo plano. Este extremo descentramento do sujeito testa os limites da sua relação com a representação.

Sala 6

A partir de 1978 e até meados dos anos de 1990, Campus dedicou-se à fotografia. *Inside Out* (1987) faz parte de uma série de projeções de fotografias de pedras. Como um corpo a pairar que emerge da escuridão da parede, a pedra, esvaziada pelo tempo, removida de qualquer contexto e ampliada enormemente, surge suspensa entre a queda e o voo. A sua qualidade abstrata, de pura textura, cativa o olhar. Este objeto indeterminado, mas não vulgar, escolhido pelo artista e imbuído de sentimento, torna-se objeto de outro tipo de projeção, nomeadamente da própria imaginação do visitante que o pode ver como um coração, um crânio ou um planeta.

Quando Campus retornou ao vídeo utilizou novas técnicas de processamento e de edição da imagem para realizar várias obras de caráter autobiográfico e poético. Hoje, com o vídeo de muito alta definição (4K), afasta-se dessas explorações iniciais relacionadas com a abstração digital, para registar determinadas cenas com uma extrema nitidez. Pequenos toques de cor brilhante, jogos subtis da luz num porto durante a maré baixa, a qualidade dos materiais e das texturas, e um ligeiro efeito de *slow motion*: tudo em *convergence d'images vers le port*, filmado em 2016 no pequeno porto francês de Pornic, nos conduz a um mundo de sensações puras. Encomendada pelo Jeu de Paume para esta exposição, esta peça é uma instalação ambiental composta por quatro projeções de grandes dimensões. Uma das vistas irá sempre escapar ao visitante, o qual, enquanto se movimenta no espaço, tem de reconstruir mentalmente os vários aspetos de um lugar registado a partir

de múltiplos, mas não simultâneos, pontos de vista. Cada uma das nove sequências termina da mesma forma, com uma subtil passagem da cor ao preto e branco, evocando o destino de lugares condenados a desaparecer. Estas imagens são da ordem da duração pura, “imagens-tempo”, levando-nos a ver de uma outra forma paisagens que julgamos conhecer; elas retiram o seu impacto da nitidez do olhar e da intensidade da emoção do artista, as quais procuram partilhar.

Sala 7

Em meados dos anos 2000, Campus começou a trabalhar cada vez mais como o pintor que foi na sua juventude. Em 2008, paradoxalmente, submeteu as suas “videografias” em alta definição digital a um efeito de abstração, trabalhando com a própria substância da imagem, ao nível dos píxeis (elementos constitutivos da imagem), utilizando-os como pinceladas, através da alteração do seu tamanho, cor e transparência. O ligeiro efeito de *slow motion* ajuda a amplificar o movimento interno destes elementos geométricos, de formato irremediavelmente quadrado. A sua constante sobreposição confere à imagem a densidade correspondente a camadas de planos de cor. Poderíamos pensar em *Jagged Wave* (1954), de Milton Avery, pintor que muito inspirou Peter Campus, ou nas composições pictóricas de Nicolas de Staël. Uma onda (*a wave*, 2009) torna-se uma linha de cubos brancos que se elevam e rebentam, como outros tantos sólidos em desmoronamento, numa infinita repetição. Como a disrupção ou a duplicação, a abstração é uma outra forma de estimular os processos perceptivos e de identificação.

Sala 8

Head of a Man with Death on His Mind (1977-78) é uma projeção de grandes dimensões, em *loop*, de um grande plano, fixo, do rosto de um ator. Depois de ter sido convidado a penetrar nas primeiras instalações em circuito fechado, e a ativá-las com o seu próprio corpo, o visitante é agora mantido

no exterior da cena, de modo a desempenhar o papel normal do espectador. Ele é confrontado com o olhar de outra pessoa – um olhar sem contexto, insistente, firme, quase imóvel, o qual devolve o olhar ao observador. Fizemos assim um círculo completo: o vídeo é conduzido ao seu próprio fim, a uma fixidez que substitui o movimento que originalmente o definia.

Estas últimas três peças da exposição propõem um caminho temporalmente inverso na obra de Campus, terminando com um trabalho que concluiu uma série de experimentações com a imagem em tempo real. Esta última peça questiona fortemente o visitante acerca do próprio ato de ver/ser visto, e da sua posição enquanto observador. A partir deste ponto, podemos recomeçar a visita com as peças interativas iniciais, ou regressar a uma das mais recentes obras de Campus, *convergence d'images vers le port*.

Anne-Marie Duguet

peter campus anarchiv 7 inclui o catálogo da exposição no Jeu de Paume, a reprodução do catálogo da exposição no Everson Museum of Art (Syracuse, Nova Iorque) em 1974, e os escritos do artista, dando acesso à totalidade da sua obra através de uma aplicação de realidade aumentada.

éditions Anarchive, Paris, 2017

www.anarchive.net



Head of a Man with Death on His Mind, 1977-1978 (still de vídeo) · Whitney Museum of American Art, Nova Iorque. Doação Bohem Foundation

Nascido em Nova Iorque em 1937, Peter Campus é um artista seminal para os cânones da arte vídeo e dos novos media. Após receber um BA em Psicologia Experimental pela Ohio State University em 1960, estudou no City College Film Institute e participou nos workshops experimentais do WGBH-TV de Boston. Em 1975, Campus recebeu a bolsa John Simon Guggenheim e, no ano seguinte, a bolsa do National Endowment for the Arts. O seu trabalho foi extensivamente apresentado, com exposições individuais nos seguintes museus: University of Michigan Museum of Art (Michigan), The Power Plant (Toronto, Canadá), Kunsthalle Bremen (Alemanha), Antigo Colegio de San Ildefonso (Cidade do México), Whitney Museum of American Art (Nova Iorque), e Centre Georges Pompidou (Paris). O seu trabalho encontra-se representado nas coleções permanentes dos seguintes museus: MoMA, Whitney Museum of American Art (Nova Iorque), Philadelphia Museum of Art (Filadélfia), Centre Georges Pompidou (Paris), Hamburger Bahnhof – Museum für Gegenwart (Berlim), Museo Nacional de Arte Reina Sofia (Madrid), Walker Art Center (Minneapolis), e Tate Modern (Londres).

Born in 1937 in New York City, Peter Campus is a seminal artist in the canons of new media and video art. After receiving a Bachelor of Science in Experimental Psychology from Ohio State University in 1960, he studied at The City College Film Institute and participated in the experimental workshops at Boston's famous WGBH-TV. In 1975, Campus received the John Simon Guggenheim Fellowship, and in 1976, he was awarded the National Endowment for the Art Fellowship. His work has been exhibited extensively with solo shows at the University of Michigan Museum of Art (MI), The Power Plant (Toronto), Kunsthalle Bremen (Germany), Antigo Colegio de San Ildefonso (Mexico City), Whitney Museum of American Art (NY), The High Museum (GA) and Centre Georges Pompidou (Paris). Campus is represented in the permanent collections of the Museum of Modern Art (NY), Whitney Museum of American Art (NY), Philadelphia Museum of Art (PA), Centre Georges Pompidou (Paris), Hamburger Bahnhof – Museum für Gegenwart (Berlin), Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madrid), Walker Art Center (MN), Weatherspoon Art Museum (NC) and Tate Modern (London).

The exhibition *peter campus. video ergo sum* is organised by Jeu de Paume, Paris, in collaboration with Culturgest.

Visitas guiadas

Com Peter Campus e Anne-Marie Duguet

Sábado, 24 fevereiro às 16h30

Aos Sábados

17 e 24 março, 21 abril às 17h30

com Ana Gonçalves

7 abril às 17h30 com Delfim Sardo

À hora de almoço

28 fevereiro às 13h com Delfim Sardo

22 março às 12h e 11 abril às 13h

com Ana Gonçalves

Visitas Jogo para Escolas

Duração: 1h · 1€ · Mínimo: 10 participantes

Reservas: 21 761 90 78

Curadora

Anne-Marie Duguet

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Montagem

Bruno Cecílio

Ricardo Leite

Laurindo Marta

João Nora

Assistente do artista

Antonio Trimani

Agradecimentos

Centre Pompidou, Musée national d'art moderne (Paris); Fondation Louis Vuitton (Paris); San Francisco Museum of Modern Art; Whitney Museum of American Art (Nova Iorque); Städtisches Museum Abteiberg (Mönchengladbach); Cristin Tierney Gallery (Nova Iorque); CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; Carlos Antunes; Desirée Pedro; Jorge Neves.

Galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30). Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Encerram à segunda-feira.

Livraria

Aberta no horário das Galerias. Encerra nos períodos em que não há exposições.

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 50 · 1000-300 Lisboa

Telefone: 21 790 51 55

www.culturgest.pt

A exposição *peter campus. video ergo sum* é organizada pelo Jeu de Paume, Paris em colaboração com a Culturgest

JEU DE PAUME